

## O DIALOGISMO EM JUQUINHA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE MAX ANDRADE

Gabriel Rodrigues de SOUZA – Centro Universitário Assis Gurgacz<sup>1</sup>

Kevin Grossmann POLICENA – Centro Universitário Assis Gurgacz<sup>2</sup>

Margarete Aparecida Nath BRAGA – Centro Universitário Assis Gurgacz<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo consiste em analisar o dialogismo presente na obra de Max Andrade. Esta análise sustenta-se nos estudos de Bakhtin acerca do dialogismo. Conforme Bakhtin, o dialogismo refere-se à relação que se estabelece entre diferentes textos, pelo fato de que na cadeia das relações humanas os textos se conversam, se retomam e dialogam constantemente entre si. As relações interdiscursivas contribuem para enriquecer textos novos a partir de textos já conhecidos e, na maioria das vezes, consagrados, oferecendo a possibilidade de leituras diversas. Podemos constatar que esse recurso é crescente na produção de obras contemporâneas, as quais retomam, parafraseiam, atribuem sentidos outros culminando para a construção de outro(s) texto(s), possibilitando uma diversidade de sentidos. É com essa perspectiva que se manifesta nosso interesse em realizar uma análise da obra de Max Andrade, escritor mineiro amplamente premiado por suas obras, inclusive fora do Brasil., seja entre textos de épocas próximas ou mais distantes.

**PALAVRAS CHAVE:** dialogismo; sujeito; discurso

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem propósito apresentar uma breve análise da obra “Juquinha o solitário acidente da matéria” considerando uma ótica interdiscursiva, apoiada nos estudos de Orlandi e Bakhtin. O quadrinho de Max Andrade publicado em outubro de 2020, em sua edição digital no Instagram do autor, e em fevereiro de 2021 pela Draco comics, uma versão impressa. Max Andrade é oriundo de Uberlândia - Minas Gerais. É ganhador de diversos prêmios literários como o “Internacional Silent Manga”. A primeira publicação foi feita durante o período da pandemia do covid-19, por isso ele publicou de maneira digital, inicialmente e, eventualmente, por meio de um projeto de apoio coletivo no site catarse, surgindo, então, a publicação física. A publicação digital

<sup>1</sup> Aluno do curso de graduação em Letras Português-Inglês do Centro Universitário Assis Gurgacz.

<sup>2</sup> Aluno do curso de graduação em Letras Português-Inglês do Centro Universitário Assis Gurgacz.

<sup>3</sup> Professora do curso de graduação em Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz, e-mail margabraca@yahoo.com.br

ocorreu no dia 13 de outubro de 2019, pouco tempo antes da confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, que ocorreu em 26 de fevereiro.

Ao ser questionado, o autor, Max de Andrade, observou que apesar de a obra não ter a temática diretamente ligada a pandemia, há uma coincidência entre o momento em que o Juquinha se tranca no seu quarto e o início das medidas de isolamento causadas pela pandemia, estabelecendo-se assim, um primeiro diálogo entre a ficção e a realidade.

Max de Andrade ressalta que a produção da obra Juquinha foi uma das coisas que o ajudaram a se manter em um estado mental mais saudável. E nessa jornada de autodescobrimento, a obra Juquinha se enriquece pela interdiscursividade que soa espontaneamente nos fios da história, de uma forma bastante inteligente e ousada, dando existência à história num diálogo profícuo entre o personagem Juquinha e a jornada pessoal de Max Andrade para se autodescobrir como escritor.

## **O DIALOGISMO EM BAKHTIN: (RE)VISITANDO A OBRA JUQUINHA**

Para atender ao objetivo proposto nesse trabalho, qual seja, compreender as relações dialógicas existente entre a obra de Max de Andrade e outras obras, já publicadas em diferentes períodos históricos. Compreender o diálogo entre os textos é fundamental para que se possa ressignificar outras realidades, compreendendo-as e percebendo nelas a sua capacidade de flexibilizar-se em diferentes realidades.

Bakhtin foi denominado teórico da literatura, linguista, filósofo da linguagem, historiador da cultura, entre outras designações. Viveu despercebido em seu meio intelectual acadêmico, no anonimato de sua própria escrita – resistindo à ditadura de Stálin, às fissuras da Revolução Russa, ao exílio no Cazaquistão, à massificação da cultura do Estado soviético, à difícil sobrevivência à pobreza, sempre motivado por seus escritos inacabáveis e inacabados.

Talvez, por isso, diversos especialistas o considerem uma das mais inexplicáveis personalidades das ciências humanas do século XX. Foi o fundador do Círculo de Bakhtin que passou a existir entre as décadas 20 e 30 do século XX tendo

como importantes participantes Volochinov e Medvedev, além de outros não menos importantes. A obra de Bakhtin passa a ser mais conhecida na década de 80 no século XX e tem sua introdução no cenário acadêmico graças aos esforços de Kristeva e Todorov que divulgaram os pensamentos do filósofo russo a respeito da literatura.

Authier-Revuz cuidou de divulgar a obra no campo linguístico. Com a expansão do círculo vários países e vários “Bakhtins”, além de várias teorias diferentes. Com o alto fluxo de teorias dedicando-se a expandir os estudos do grande mestre russo, ocorre que alguma pode ser mal interpretada. No campo da linguística, os estudos de Bakhtin passam a ganhar relevância a partir da década de 70. Sua compreensão acerca dos fenômenos linguísticos se finda no diálogo que se estabelece acerca das interpretações dos escritos de Saussure e Chomsky.

O discurso produzido resulta de práticas sociais internalizadas que possibilitam ao sujeito a construção de um novo dizer, uma nova opinião. De acordo com Bakhtin/Volochinov:

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN, 1995, p. 125, grifo dos autores).

Vale observar que, no cenário da terceira época da Análise do Discurso francesa, década de 80, momento em que Pêcheux repensa sua teoria, é que os escritos de Mikhail Bakhtin passam a adentrar os estudos linguísticos. Katerina Clark e Michael Holquist lançam os primeiros olhares mais aguçados sobre a teoria, após isso Pêcheux admite que os estudos bakhtinianos do círculo auxiliam na reformulação de sua teoria. Bakhtin, então, passa a ser respeitado no campo das ciências humanas ao mesmo tempo em que, meio intelectual acadêmico passa a toma-lo como referência para a produção de trabalhos voltados aos estudos da linguagem. Os conceitos bakhtinianos passam a ser objeto de estudo de profissionais das mais

diversas áreas, já sendo observados, até mesmo, projetos que trazem Bakhtin para fora das ciências humanas. Nos dias de hoje Bakhtin está em foco em convenções linguísticas e tem centenas de teóricos dando continuidade à sua teoria.

Um dos conceitos fundamentais de sua teoria é o dialogismo, amplamente discutido por diversos autores a partir dos postulados bakhtinianos. Assim, para Bakhtin pensar a linguagem é pensar no discurso e em suas múltiplas relações dialógicas que permitem um novo dizer a partir de outros dizeres. Bakhtin esclarece essa relação explicando a naturalidade entre o que foi dito antes em algum lugar e o novo que se constrói a partir do já dito. Para Bakhtin (2003)

O Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditando, com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditando somente este adão podia realmente evitar por completo essa mútua orientação dialógica do que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1998, p. 56).

Conforme explicado por Bakhtin, apenas Adão, o primeiro homem segura o primeiro discurso, o discurso puro para ele. Todos os discursos realizados após sua fala não são nada mais, nada menos do que uma réplica, pois o ser humano é influenciado pela fala do outro contaminado pela fala de seu ancestral, doutrinado pelos pais e pela sociedade ao seu alcance. Há sempre uma relação dialógica entre os dizeres.

Em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida em que a obra é capaz de estabelecer um vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nessa época [...] Rompido esse vínculo, ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significante (BAKHTIN, 1995, p. 119).

É fato que a obra é sempre contextualizada, impregnada do cotidiano. Não por acaso, Juquinha, o solitário acidente da matéria, tem como temática o autodescobrimento de um garoto sensível que sofre após tomar um fora da garota que gostava. A jornada se constrói por meio de uma meta narrativa, revelando como

o autor se vê em relação à obra apresentando o personagem do Juquinha como uma versão melhor de si, exagerando até em seus traços positivos.

A trama que se desenvolve mostra como as obras estão fadadas a viver mais que seus autores. Mas, o mais interessante é a forma como a história é contada, (re)visitando as histórias pelas quais o autor e, conseqüentemente, o personagem experienciaram em sua vida.

É desse modo que se estabelece um diálogo entre Juquinha, o personagem, e as demais obras e personagens escolhidos pelo autor. Nesse percurso, podemos observar várias animações, animes, eventos culturais do início dos anos 2000 e outros temas muito abrangentes, contemplando algumas influências, como Fiodor Dostoievski,

FIGURA 1

O QUE ELE NÃO SABIA E NÃO ESTAVA  
PRONTO PARA ENCARAR, ERA QUE  
PODIA SER AINDA MENOR...



(ANDRADE, 2021, p. 74 a 77)

Nesta sequência de quadros, o próprio autor alude a quem ele cita no título: “Dostoiévski chorou”. Mostra um retrato de Juquinha se vendo perante uma ânsia sobre a própria existência como personagem, além de ser nada, pois, é muito pequeno e insignificante, sendo uma alusão aos conceitos existencialistas de Dostoiévski como no texto “os irmãos Karamazov” que questionam sobre o que é o

próprio ato de existir e o temor a existência de Deus ou não, tema abordado em maior parte da obra. Diana Luz Pessoa de Barros esclarece que,

Outro aspecto do dialogismo a ser considerado é o do diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define. Esse sentido de dialogismo é mais explorado e conhecido até mesmo apontado como o princípio que costura o conjunto das investigações de Bakhtin [...]. Deve-se observar que a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade “interna” das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos (BARROS. In: BARROS e FIORIN, 2003, p. 4).

Conforme Dostoiévski, “O mistério da existência humana não é apenas manter-se vivo, mas encontrar algo pelo qual viver”. (Dostoiévski, 2021, p. 147.)

Esse enunciado aponta para o título do capítulo com o estado emocional do Juquinha, que, apesar da sensação de insignificância e pequenez perante o próprio ato de existir como personagem e pessoa, ele consegue se reerguer de seu estado emocional abalado e inicia uma confrontação com o seu próprio criador. O autor estabelece um diálogo entre os dois textos, no qual o discurso atual utiliza-se de um outro anterior, ressignificando-o em um novo contexto.

Juquinha é um personagem que apresenta uma diversidade de vozes, remetendo para personalidades sociais e, principalmente literárias. Em algumas ela aparece de forma cômica. Porém, no decorrer da história o autor decide fazer um pedido de desculpas para o personagem, explicando que ele não é como todos os personagens, que ele é uma parte importante de seu legado literário e, assim, ele faz uma referência dialógica a um de seus outros textos junto a um poema de desculpas.



FIGURA 2

E você pode ser essa pessoa.

Pode ser frágil!  
Pode ser contraditório!  
Pode ser fofinho!  
Pode usar macacão,  
e também pode chorar.  
Não há problema nisso.

Há muitas coisas em  
nós sobre as quais não  
"está tudo bem" ser.  
Essas que você tenta  
negar, não fazem parte delas.

E as pessoas gostam de você  
justamente assim. Apenas  
aprenda a receber o amor que te  
dão pelo que você é, e não  
pelo que supostamente  
queria ser.

Tá?

Eu e os outros não  
estamos rindo de você.  
Estamos rindo  
COM você.

Olha só:



(ANDRADE, 2021, p. 156)

No contexto da história, essa é a página usada para o pedido de desculpa, e para fortalecer essa mensagem. Ele usa a arte de sua outra obra **Tools challenge** readaptando a arte de Juquinha à arte de seu outro trabalho, assim fortalecendo a mensagem de que o Juquinha não é apenas mais uma de suas obras, mas sim uma das muitas que viverá mesmo após a morte do autor.

Tudo isso está a demonstrar que a ideia da dialogicidade, ou da intertextualidade, como agora se prefere dizer, não é criação de Bakhtin; nem, tampouco, seria dele a melhor definição do procedimento, que talvez tenha sido fornecida pelo mesmo Chklovski, na sua Sobre a Teoria da Prosa... (LOPES. In: BARROS e FIORIN, 2003, p. 73).

Como visto, essa chamada à própria obra é colocada de maneira a referenciar o fato de ser uma de suas primeiras, sendo uma maneira de representar uma espécie de maneira de herdar o legado de sua obra finalizada **Tools Challenge** para o Juquinha. **Tools Challenge** é uma obra que segue maioria dos clichês do estilo de publicação japonês do *Shōnen* que é reconhecido por obras como *YU YU Hakusho*, *Dragon ball naruto*, que são histórias escritas para um público de rapazes de 12 a 18 anos, a história se passa em um mundo qualquer, no entanto nesse mundo todo mundo nasce com uma ferramenta. O ponto de vista do quadrinho é o de Raion, um rapaz que perdeu sua ferramenta de nascença e deve recuperá-la em um torneio ilegal de lutas, para assim evitar a sua morte prematura. Conforme Bakhtin

[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes mas também aos subsequentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos *outros*, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...] Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. *[itálicos do autor]*. (BAKHTIN, 2003, p. 300-301)

É pelo dialogismo que Bakhtin mostra que os discursos não se formam sozinhos, mas na troca entre vários discursos escolhidos sobre o tema em questão ou mesmo a vontade do autor. Nesse aspecto, é preciso considerar que um discurso sempre está em relação com outro. Assim como em maior parte da obra do Juquinha, em que a conversa entre vários discursos é uma das principais formas de caracterização do personagem e do modo como expressa seus sentimentos.



FIGURA 3



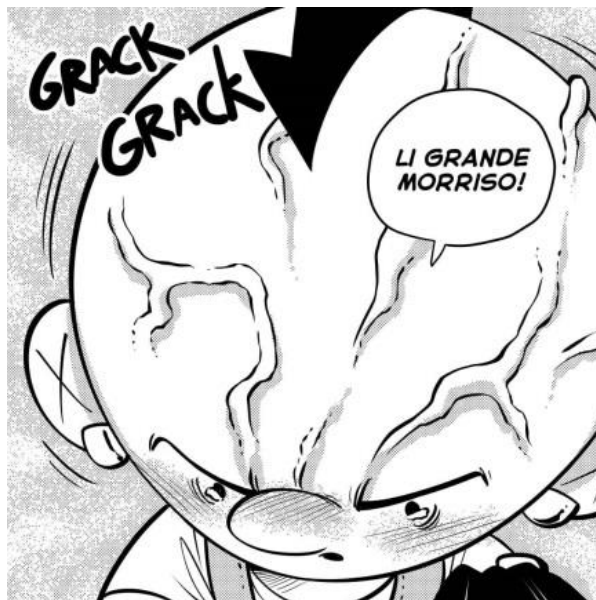
(ANDRADE, 2021, p. 135)

Na sequência da narrativa da história, o sentido interdiscursivo é utilizado pelo personagem para caracterizar não só o Juquinha, mas também o seu autor. O Juquinha é uma extensão direta do autor que se utiliza disso para colocar o Juquinha considerando algumas de suas referências literárias, em um tom jocoso. Nessa cena, Juquinha questiona diretamente seu autor, Max Andrade, e para tentar mostrar certo grau de profundidade em si mesmo, o personagem cita para o autor alguns pensadores, cartunistas e filósofos. Bakhtin afirma que “O acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*”. *[itálicos do autor]*. (2003, p. 308)

Como Grant Morisson, um escritor de história em quadrinhos escocês conhecido por trabalhar com a DC comics, o historiador Leandro Karnal, Mario Sergio Cortella, filósofo escritor e educador. O cartunista Silva João e o youtuber e divulgador científico Paulo Miranda nascimento, conhecido na internet como Pirula. Sem contextualizar e conhecer previamente de quem eram as figuras referenciadas pelo autor da obra. A conversa com outros textos de autores que foram nominalmente citados, revelam o conhecimento de Juquinha.



FIGURA 5



(ANDRADE, 2021, p. 136)

É fato que em um discurso, as palavras são empregadas em razão de suas virtualidades de sentindo em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos a priori equivalentes, os enunciados serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. Conhece-se, por exemplo, a voga extraordinária que teve uma palavra como estrutura na crítica literária dos anos 1960 em contexto em que sistema, organização, totalidade ou mais trivialmente, plano teriam dito a mesma coisa. É que a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência.

O uso dessa maneira dos nomes dos autores deixa de ser apenas um signo para se tornar um signo com valor semântico associado a outros discursos de outros autores, ao mesmo tempo que cumprem a função de caracterizar o Juquinha, demonstrando a forma em que o interdiscurso pode agregar peso a uma palavra, criando um sentindo novo para o pertencimento delas associadas ao texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra Juquinha: o solitário acidente da matéria efetuada, observou-se a dialogicidade presente na obra, pois é por meio dela que se constrói a história de Juquinha. No desenvolvimento desse texto, vários outros autores são referendados. É assim que a história de Juquinha vai se produzindo num diálogo ininterrupto com outros autores.

Pode-se verificar a construção das relações discursivas nos temas narrativos do Juquinha, com as ideias vão sendo acrescentadas ao se utilizar de outros discursos como as diversas instancias a quais a obra utiliza-se de estéticas que referenciam outras obras, além de citações e referências temáticas, essas outras referências que servem como a base de construção da obra, conceito que pode ser escondido para qualquer outra forma de construção discursiva. Afinal, como já constatado por Bakhtin nenhum discurso é puro, e todo discurso está manchado por discursos dialógicos previamente construídos pelo enunciador, enunciando as diversas necessidades de interação, como dito por Bakhtin, não somos o Adão mítico que chegou a um mundo virgem instaurando a primeira palavra a ser utilizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BARROS, Diana L. Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In*: BARROS, Diana L. Pessoa de; FIORIN, José Luis (orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2003.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo, Martin Claret, 2021.

DUARTE, Max Andrade. **Juquinha**. O solitário acidente da matéria. São Paulo: Draco, 2021.



**2º Congresso  
Internacional  
de Humanidades**

**4º Congresso Internacional de Educação**

ISSN 2318-759X

Formação de Professores, Tecnologias, Inclusão e a Pesquisa Científica

06 a 09 de Junho de 2022



CENTRO  
UNIVERSITÁRIO



PRADO, Losana Hada de Oliveira. **Interdiscursividade e intertextualidade na imprensa escrita**: análise de crônicas jornalísticas do caderno Ilustrado da Folha de São Paulo. São Paulo: PUC, 2014.

**ISSN 2318-759X**